



**SÍNTESE  
PARANÁ**  
arte atual

**Casa Andrade Muricy**  
20 de junho a 21 de julho de 2002

Synthesis Paraná

# Maria Cheung

Cheung Miu Kuen



Hong Kong, 1957. Ceramista, gravadora, objetualista e instalacionista. Reside em Foz do Iguaçu-PR. Gradua-se em Educação Artística pela Faculdade Santa Cecília, em Santos-SP. Participa do curso de Cerâmica, como aluna/assistente, no atelier Megumi Yuasa, em São Paulo (1981 a 1986). Em Foz do Iguaçu frequenta diversos workshops entre os quais com o artista berlinense Gernot Bubenik (1999). Individuais: "Fósseis de Mim" – Museu Alfredo Andersen, Curitiba, 1998. "Fogo na Boca" – Sala Arte, Design & Cia/UFPR, Curitiba, 2001; entre outras. Salões e premiações: 53.º e 54.º Salão Paranaense, MAC/PR/SEEC, Curitiba, 1996 e 1997 (Prêmio Aquisição no 53.º). 12ª Mostra Cascavelense de Artes Plásticas – SEEC/COSEM, Cascavel-PR, 1998 (Prêmio Aquisição). Coletivas: "Balaio Brasil", SEEC Belenzinho/SP, 2000. Brasilianische Kunst aus Paraná in Berlin – Brasilianisches Kulturinstitut in Deutschland – ICBRA Galerie, Berlin/Alemanha, 2002.

## Na Instalação "Nui" Maria Cheung propõe Ícones da Dor e do Silêncio

O nome de Maria Cheung – radicada em Foz do Iguaçu – impõe-se como uma das grandes revelações das artes plásticas no Paraná, na década de noventa. Ela passa a ser conhecida a partir de uma instalação apresentada no 53.º Salão Paranaense (1996), onde é premiada. Surpreende, então, a Comissão Julgadora pela energia zen de sua proposta: transmitindo a certeza que a arte paranaense estava penetrando em uma nova concepção de territorialidade da escultura/cerâmica. Certeza esta, não só confirmada como ampliada para o conceito de "escultura expandida" – teorizado por Rosalind Krauss – com a capacidade de incorporar materiais diversos, ultrapassar a postura estática da escultura como objeto de contemplação, para incorporar o sentido temporal, por vezes perecível, inserindo-se na vida humana e nas suas circunstâncias; acrescidas, agora, na instalação "Nui" (Mulher em Chinês) – em exposição na Casa Andrade Muricy – de um caráter confessional, enquanto revelação da sua própria identidade sociocultural. Maria Cheung cria um espaço para a meditação, reflexão a nível da antropologia cultural e contestação ao "status quo"; abrindo a caixa íntima de segredos para revelar a alma feminina, discutindo a condição da mulher nas sociedades patriarcais. É tal a força simbólica contida em sua proposta, que ela consegue penetrar em realidades iconográficas distintas, para nos falar em linguagem universal. Inspira-se em sua bisavó e nas mulheres chinesas que até o século XIX tinham os pés mutilados – enfaixados desde a infância – para que não crescessem além de 8 cm de comprimento. Os homens obrigavam as mulheres a este sacrifício não só porque para eles os pés pequenos e enfaixados eram um fetiche sexual, como também representavam submissão e clausura. Os pequenos passos que conseguiam dar, tornavam-nas frágeis e dependentes; sem autonomia para se locomover livremente. Em sua instalação os pés cerâmicos – ícones da dor – são depositados como "ex votos" em um templo imaginário habitado pelo silêncio milenar.

Em "Fetiches", ela instala pés cerâmicos em meias pretas de nylon, construindo pernas processionais, onde alude à poética do vazio, criado por uma multidão de mulheres roubadas em sua

essência mais humana que é a liberdade. Marcha silenciosa de pernas que se multiplicam formando um corpo social milenarmente oprimido em um universo isolado e castrador. Para criar a "Sala dos Sacrifícios" constrói sobre a areia, um grande retângulo, sobre o qual sobrepõe retângulos menores, construídos com plástico transparente, água com corante vermelho e pés cerâmicos brancos. A sensação macabra de mutilações humanas – envoltas em sangue – criam o símbolo do sacrifício milenar onde gerações e gerações de mulheres chinesas foram sacrificadas. Ao mesmo tempo, torna-se evidente a metáfora da passagem para outro plano, após o holocausto. Como um antropólogo social em "Magna Mater" utiliza samburás suspensos contendo pés de cerâmica que, em sua alusão aos peixes – chamados "pássaros das zonas inferiores" – associam-se ao inconsciente e à ideia de sacrifício. Ao mesmo tempo, contrapõe a materialidade do metal – elemento industrializado – ao sentido orgânico da cerâmica. Cada samburá torna-se, portanto, um elemento de tensão, aberto a inúmeras leituras: clã, trabalho confinado às clausuras que estas mulheres monacais eram obrigadas a viver. Tratam-se de objetos mitológicos, cuja leitura, exige consciência antropológica. Com espetos de metal monta as "Schequinas", onde os pés-cerâmicos espetados falam-nos não só de dor e tortura, – como condições de purificação para recuperar o estado angelical –; como, também, do egoísmo gerado pelas fechadas sociedades patriarcais, que tiram das mulheres o direito à autodeterminação, condenando-as ao silêncio, e ostracismo. "Faces Roubadas" – múltiplos das máscaras da face, que carbonizadas escurecem – denunciam a carga de dor e opressão acumuladas, criando em seu efeito dramático cujo eco nos atinge até hoje – ver. ■ leiras máscaras sociais.

Nesta instalação Maria Cheung deixa transparecer um alto grau de consciência histórico-social. Aprofundando-se no conceito da filosofia oriental – em sua potencialidade espiritual – ela cria ícones da memória que conseguem nos falar não só da cultura chinesa, como da alma do mundo.

Adalce Maria de Araújo



## Obras expostas:

Instalação "Nui" composta de:

1. Fetiches, 1998, cerâmica, meias de nylon, dimensões variada
2. Faces Roubadas, máscaras
3. Magna Mater, samburás, cerâmica, dimensões variadas
4. Schequinas, espetos de ferro, cerâmica
5. Sala de Sacrifícios, areia, nylon, corantes, cerâmica